



Nota de edição:

O Tomilho está de volta com a sua 27ª edição! Começamos por recordar os Maios que este ano ficaram em casa em virtude da pandemia Covid 19. Divulgamos algumas das quadras que participaram no concurso *Quadras para os Maios da Aldeia de Santa Rita*, alusivas à pandemia, e partilhámos as quadras do vencedor. Damos notícia do processo de classificação do Túmulo Megalítico de Santa Rita que está em curso. Nesta edição fazemos referência à destruição do património natural que está a acontecer no terreno do monte do Porfírio, em Santa Rita com consequências nefasta para a biodiversidade da nossa paisagem. Na rubrica *Arqueologia e História* lembramos o que foi a pandemia da pneumónica mais conhecida por gripe espanhola.

A fotografia antiga foi partilhada por João Sol em homenagem aos convívios e festas entre familiares, amigos e vizinhos.

E a receita vem na sequência desta saudade de celebrarmos bons momentos com os outros e é partilhada por Alice Brito.

Terminamos com os passatempos, lengalengas e adivinhas. Divirta-se e... Até Julho!

NESTA EDIÇÃO:

Recordar os Maios	1
No entanto...houve poesia!	2
Concurso das Quadras	3
Túmulo megalítico de Santa Rita em processo de classificação	4
Mais uma paisagem rural destruída	5
Arqueologia e História	6
Memórias e saberes	9
Receita	10
Passatempos	11

Recordar os Maios

Este ano não pudemos comemorar os Maios. Não pudemos juntarmo-nos a fazer novos Maios, nem vestir os que já temos de anos anteriores, não pudemos decorar as ruas e a maia com as flores que tínhamos feito com o grupo comunitário que se reuniu todas as 5ª feiras até ao confinamento, em meados de Março, nem pudemos decorar a aldeia com a belíssima manta de rosetas em crochet feita pela comunidade o ano passado.

Não pudemos conviver, nem divertirmo-nos com as quadras que acompanham os Maios, não pudemos realizar a feirinha de artesanato nem o concurso de fotografia que tanto animou esta festa nos últimos anos.

Resta-nos recordar os Maios na aldeia de Santa Rita, desde 1999, e, posteriormente 2017, 2018 e 2019.

Os Maios ficaram este ano em casa mas prometem voltar brevemente!



Aconteceu...

No entanto...houve poesia!

O confinamento cortou-nos o convívio mas não a liberdade versejar, de dizer aquilo que nos vai na alma, de brincar com as palavras e formar quadras alusivas não só à festividade dos Maios, mas também à situação particular que todos estamos a viver e que nos priva das relações humanas, tão fundamentais na nossa vida.

Publicamos algumas das quadras alusivas a esta época de pandemia que concorreram ao concurso *Quadras dos Maios na aldeia de Santa Rita*.



Quando a quarentena acabar
À vida vou ser agradecido
No mar hei de flores plantar
Por não ter endoidecido.

Avani, Tavira



Queríamos participar
E pôr os maios a arejar
A pandemia não deixa
Vamos ter que aguardar.

José Bento, Santa Rita



Os maios de Santa Rita.
Este ano não vão aparecer.
Por nós não foram
esquecidos.
Não os podemos é ver.

Suzel Bento, Santa Rita

*Este ano não são tão giros
Afastamo-nos das reuniões
Por causa do Corona Vírus
E das suas complicações.*
José Trindade, Conceição de Tavira

*Até ao próximo ano
Fica parada a tradição
Mas vão voltar à rua
Trazidos pela nossa mão.*
José Bento, Santa Rita

*Olha os maios, olha os maios.
Mas que linda tradição.
Este ano não há maios.
Para nossa grande decepção.*
Suzel Bento, Santa Rita

*Em casa temos que permanecer
Só eu não tenho inspiração
Grandes lições vamos todos aprender
Mudar faz reciclar o coração.*
Avani, Tavira

Concurso de Quadras

1º LUGAR

**Manuel Calado, residente em
Rio de Moinhos, Borba**

Cesteiro

*Quem faz um cesto, faz cem
Quem sabe, sabe. É sabido
Que ninguém é Mestre sem
Ter com um Mestre aprendido*

Ervanário

*Ervanário sabe ver
Nas mais humildes plantinhas
O remédio para vencer
Dores, maleitas, morrinhas*

Apicultor

*Apicultor tem magia
- Coisas do arco da velha-
Faz néctar e ambrosia
Sabe o segredo da abelha*

Pastor

*Olha o pastor com o gado
Tocando gaita nos montes
Seu parceiro é o cajado
E bebe em todas as fontes*

Oleiro/ceramista

*Sabes do barro os segredos
Usas os quatro elementos
Saem-te anjos dos dedos
Artesão dos sentimentos*

Padeiro

*Pão nosso de cada dia
Corpo do deus verdadeiro
Trigo, água, energia
E as noitadas do padeiro*

O concurso de quadras para os Maios na aldeia de Santa Rita decorreu entre 28 de Fevereiro e 13 de Abril e contou com 13 participantes oriundos de vários pontos do país. Este concurso, iniciativa da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, organizada pelo Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela, teve por objectivo estimular a produção de quadras para os Maios em Santa Rita, uma antiga tradição festiva, com muita expressão no Algarve, com que se assinala no dia 1 de Maio o esplendor da Primavera.

O júri, composto por 3 elementos (representante da CMVRS – Miguel Godinho; poeta da região – José Carlos Barros; e representante da população da aldeia de Santa Rita – Maria Emília Fernandes), decidiu premiar os seguintes participantes pela criação dos melhores conjuntos de quadras:

1º Lugar: Manuel Calado, residente em Rio de Moinhos, Borba

2º Lugar: Maria do Rosário Cavaco Afonso, residente em Santo Estevão, Tavira

3º Lugar: José Gregório de Freitas Trindade, natural da Conceição de Tavira, residente em Portimão

Os premiados receberão:

1º Cabaz com produtos locais (alimentares e artesanais)

2º Refeição para duas pessoas na Casa de Pasto “Fernanda e Campinas” na Corte António Martins

3º Publicações sobre a história e património de Vila Real de Santo António

O resultado final é um rico e diverso conjunto de quadras, das quais muitas darão belos motes para os próximos Maios da aldeia de Santa Rita!

O hortelão

*Os olhos do hortelão
São verdes acastanhados
Espelham a cor do chão
E dos sonhos, combinados*

O louco

*O louco da minha aldeia
É rico, com muito pouco
Nunca lhe saiu da ideia
Que é o mundo quem está louco*

O charlatão

*Com manha, enganando o povo
Vendendo gato por lebre
Banha da cobra, no ovo:
Tenha cuidado, não quebre!*

Vadio/boémio

*Vadiagem não é posto
Nem profissão que se tenha
É um destino, é um gosto
Nem há mal que daí venha*

Túmulo megalítico de Santa Rita em processo de classificação

O CIIP Cacela congratula-se com a abertura do procedimento de **classificação* do túmulo megalítico de Santa Rita (TMSR)**, cujo Anúncio n.º 83/2020 foi publicado no Diário da República no dia 16 de Abril.

A proposta de classificação partiu da CMVRSa através do CIIPC, com a colaboração do arqueólogo Nuno Inácio, em 2017. O processo esteve parado durante algum tempo até que no final de 2019, a própria DRCAIlg recuperou esta primeira intenção dando início ao procedimento, cuja abertura foi determinada por despacho DGPC de 30 de janeiro de 2020.

Escavações arqueológicas, promovidas pela CMVRSa com a Universidade de Huelva, em 2007 e 2008, no túmulo pré-histórico de Santa Rita, o melhor preservado dos que se conhecem na zona de Cacela, revelaram um monumento singular de elevado valor patrimonial e histórico com 4 mil e 500 anos, constituído por câmara funerária (onde se identificaram os restos ósseos dos antepassados e as oferendas votivas que os acompanhavam na última “viagem”) a que se acedia por um longo corredor. Sobre a colina artificial que cobria a câmara foi identificada uma necrópole, cerca de mil anos mais recente que as primeiras deposições no túmulo, testemunhando uma continuidade na sua utilização e sacralização.

O TMSR é uma construção megalítica de elevado valor histórico, patrimonial e científico, com características únicas no Sul de Portugal, pela sua antiguidade, estado de conservação da estrutura arquitectónica e informação arqueológica associada, bem como pela riqueza e diversidade dos achados.



Conscientes de que, enquanto herdeiros deste património, nos cabe continuar a fazer falar as pedras e dar-lhes sentidos para as pessoas de hoje, o CIIPC tem desde 2006 (data da primeira acção de limpeza do monumento prévia aos trabalhos arqueológicos) assumido um papel determinante no conhecimento, salvaguarda e interpretação deste valioso monumento: participou nas campanhas de escavações arqueológicas, no tratamento e acondicionamento dos artefactos e ossadas exumados, tem-se esforçado para garantir a sua preservação (pese embora as condicionantes financeiras), editou um folheto informativo, promoveu visitas interpretativas ao sítio com públicos diversos e realiza acções educativas regulares no sentido de dar a conhecer aos mais novos o seu significado, no contexto da vida das comunidades pré-históricas que o construíram. Neste momento, acompanha com expectativa a realização de estudos pela Universidade de Huelva que darão origem a uma monografia de divulgação científica sobre o sítio.

A classificação do túmulo, para além de reconhecer publicamente o seu valor, criará condições para a sua protecção, conservação, bem como para a valorização patrimonial e paisagística do conjunto, que garantam para além da sua preservação, também o seu usufruto por parte da população local e visitantes.

**A classificação é um procedimento administrativo através do qual se determina que um bem patrimonial imóvel (monumento, conjunto ou sítio) possui inestimável valor cultural e fica abrangido pelas formas de protecção e valorização previstas pela lei. Existem três graus de classificação: interesse nacional, interesse público e interesse municipal. A proposta agora em curso almeja a classificação do túmulo megalítico de Santa Rita como Monumento Nacional, ou seja, o mais alto grau de reconhecimento do seu interesse cultural.*

Mais uma paisagem rural destruída

À semelhança do que recentemente aconteceu do Serro dos Barros, a aldeia de Santa Rita vê destruída mais uma importante parcela do seu território rural com grande valor ambiental e cultural, desta vez a poente da aldeia, numa área de 42 ha denominada de parcela de Valongo, que vai desde a grande eira até para lá da barragem.

Também aqui grandes máquinas começaram a arrasar todo um coberto vegetal riquíssimo em espécies da nossa flora autóctone (tomilhos, palmeira-anã, tojo, espargueiras, figueira da Índia, piteiras, alfarrobeiras, oliveiras) com conseqüente destruição de habitats de inúmeros animais, desde pássaros a mamíferos como a raposa ou o saca-rabos (com avistamentos recentes na zona). Foi neste local que durante muitos anos o CIIPC realizou o seu percurso anual sobre as plantas e os seus usos medicinais, primeiro com o saudoso Mestre Zé Salgueiro e mais recentemente com o naturopata João Beles, e eram cerca de meia centena as espécies botânicas com usos medicinais que identificávamos ao longo do percurso entre a aldeia, a eira, o Monte do Porfírio e a Barragem.

Esta destruição da paisagem, envolvendo uma vez mais alteração profunda da própria topografia do local, com vista ao que parece ser uma plantação de abacateiros, constitui um enorme atentado à biodiversidade, mas também mais um passo para apagar a identidade cultural algarvia historicamente ligada aos usos da terra e do seu coberto vegetal.

Toda esta área aparecia assinalada na carta topográfica de José Sande Vasconcelos de 1775, como terras de pão. Usos agrícolas, ligados ao ciclo do cereal, que permaneceram até ao último quartel do século passado, como atestam duas eiras, uma, conhecida como eira de Santa Rita com piso de tijoleira e muro de alvenaria, que permanece ainda como uma ilha no meio de toda a devastação e uma outra, próximo do monte do Porfírio, totalmente arrasada. Aí se faziam em pleno Verão, a debulha do cereal, no final das colheitas, bailes e até teatro com Saltimbancos.

Recentemente, a maior parte da área era usada para pastoreio de algumas cabras da família do Sr. António Miguel e D. Rogéria, sendo comum descobrir à sombra de algumas árvores, pedras empilhadas que serviam de assento ao pastor. Nos últimos tempos eram as vacas que por aí pastavam.

Espera-nos agora uma paisagem pobre, monótona, sem história, onde as jovens árvores só crescerão à custa de agroquímicos e da água que escasseia.

Antes



Agora



Arqueologia e História

A pandemia de 1918 – 1919

Na segunda década do séc. XX, o mundo assiste, desprovido de quaisquer “armas” de defesa, a um fenómeno epidémico, a gripe de 1918 – 1919. Pandemia que alastrou por diferentes áreas do globo, causando mortandade elevada por onde passava, ficando conhecida “(...) por influenza, pneumónica, ou ainda gripe espanhola. Ou «plêmonica», na transcrição vernácula de lugares – como o interior do Algarve (...)” (Sobral et al, 2009: 17)

A pneumónica foi na altura uma segunda “versão” de uma anterior pandemia da gripe ocorrida em 1889 -1890. A gripe é uma doença inesperada sujeita a mutações que podem dar origem a estirpes mais mortíferas “De tempos a tempos, sofre mutações para produzir pequenas variações antigénicas e, menos regularmente, grandes mudanças, assumindo desta forma mais letal que resiste aos anticorpos adquiridos com a anterior infecção.” (Sobral et al, 2009: 44). Estima-se que o número de vítimas mortais no mundo esteja muito próximo dos 50 a 100 milhões, número que poderá vir a ser alterado por estudos mais abrangentes e detalhados.



Cartoon da época

<https://www.elsalvador.com/entretenimiento/cultura/sabes-cuantas-personas-murieron-de-influenza-en-el-salvador-hace-un-siglo/553317/2018/>

Em Portugal, como no resto do mundo, a gripe pneumónica desenvolveu-se em três vagas: a primeira, em finais do mês de Maio trazida pelos trabalhadores agrícolas que regressaram de Espanha. Badajoz e Olivença foram considerados dois dos focos de contágio, sendo que os primeiros casos foram diagnosticados em Vila Viçosa. A partir daí o vírus expandiu-se para o Alentejo e resto do país. A segunda vaga registou-se em Agosto, na zona do Porto (Gaia), onde rapidamente avançou para Noroeste. O Algarve foi atingido por esta vaga no início do mês de Outubro, como mais adiante falaremos. A terceira vaga “menos agressiva” ocorreu em Abril e Maio de 1919.

Estava o nosso país preparado para uma pandemia tão agressiva? Portugal, como o resto do mundo, não estava preparado. Não só pelo inesperado surgimento do vírus, como pelas condições de vida e alimentação dos portugueses que não eram as melhores. Portugal também enfrentava uma conjuntura de guerra nada favorável, aliada a enormes dificuldades de natureza económica, política e sanitária. O ano de 1918 não trouxe somente a pneumónica, fomos vítimas de outros surtos epidémicos como a varíola, a febre tifóide, o tifo exatémático e a disenteria.

A nível sintomático e segundo David Killingray, o período de incubação do vírus da gripe era curto, havendo até relatos de pessoas que após apanharem o vírus morriam em poucos dias e outras que faleciam nas ruas, um cenário bastante aterrador. Refere também que nos casos de maior gravidade, os indivíduos sofriam de dores de cabeça violentas, dores no corpo e febre “(...) a pele assumia uma tonalidade

de negro-azulada, um sinal de cianose, e as vítimas tossiam sangue e sofriam hemorragias nasais.” (Sobral et al, 2009: 44)

Que tratamentos foram utilizados para combater o vírus? Havia uma vacina?

O vírus apanhou médicos e virologistas de surpresa. Os progressos na virologia só viriam a ter lugar na década de 1940, com o desenvolvimento do microscópio electrónico. O tratamento recomendado era repouso, toma regular de aspirina e cuidados de enfermagem, mas estes recursos não estavam ao alcance de todos. Certo é que a epidemia não olhou a estatutos sociais, afectou todos em larga escala, como se de um tornado se tratasse.

Que medidas foram tomadas pelas autoridades de saúde pública em Portugal? Na altura o director da saúde em Portugal, Ricardo Jorge (higienista e epidemiologista), recomendou o isolamento. “Não haveria práticas imunizantes, nem drogas preventivas para a pandemia.



Ricardo Jorge

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo_Jorge#/media/Ficheiro:Dr._Ricardo_Jorge_no_Laborat%C3%B3rio_Municipal_de_Bacteriologia.png

Recomendava: lavar as vias respiratórias com água salgada ou água oxigenada diluída; manter a higiene interna e externa; tomar ar livre e ventilar habitações.” (Sobral et al, 2009:77) Medidas estas recomendadas na primeira fase de disseminação do vírus. Contudo, teve lugar uma segunda vaga de gripe muito mais avassaladora, e foram então tomadas as primeiras instruções oficiais a 29 de Setembro que pretendiam coordenar o combate à epidemia.



<https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,isolamento-social-e-atencao-aos-idosos-conselhos-ao-povo-contr-a-gripe-espanhola-em-1918,70003253438,0.htm>



<https://www.cruzvermelha.pt/not%C3%ADcias/item/6188-dia-internacional-da-mulher.html>

Como está a acontecer actualmente face à pandemia que todos estamos a viver, também em 1918 o Estado não conseguia fazer face a todos os problemas, necessidades e carências que se faziam sentir. Foi necessário apelar à sociedade civil e esta respondeu. A Cruz Vermelha ajudou na montagem de hospitais provisórios, instalou postos de socorro, com médicos, enfermeiros e maqueiros, fez o transporte de doentes, entre outras acções.

A solidariedade social foi extremamente valiosa, foram criadas comissões de socorro que ajudaram os mais necessitados “Em Lisboa, os escoteiros deram apoio hospitalar, e aos convalescentes e mais necessitados distribuíram se esmolos e senhas para as Cozinhas Económicas (...)” (Sobral et al, 2009:225)

A intensidade da segunda vaga epidémica foi de tal ordem que o número de óbitos disparou, e como consequência os cemitérios não conseguiam dar resposta. Como noticiava o jornal O Século “ (...) em várias localidades «os enterramentos fazem-se à pressa» e, frequentemente, «para enterrar os mortos» é preciso «primeiro desenterrar outros muitas vezes ainda não completamente decompostos».” (Sobral et al, 2009: 228). Muitos fenecidos foram sepultados em valas comuns, sem lápides, o que aconteceu em vários cemitérios de Portugal. Servem de exemplo o dos Prazeres e o de Benfica em Lisboa, o Cemitério Antigo em Cacela Velha no Algarve, entre muitos outros. No caso do cemitério de Cacela Velha, um antigo coveiro, Sr.º Rui, referia que naquele espaço aberto onde só existe um ossário e o jazigo de José Gil Carneira (1850) “estavam enterrados em valas comuns muitos, muitos corpos da pneumónica”, palavras estas que foram validadas aquando de sondagens arqueológicas realizadas em 1998, em que ficou documentada uma fase de enterramentos em grande escala, com várias orientações para aproveitar o máximo espaço possível. Foi aliás a pneumónica que levou ao esgotamento deste cemitério e à construção de um novo mais a poente, em 1918.

É na segunda vaga que a região do Algarve é afectada pela «plémónica», como os primeiros dias de Outubro de 1918 testemunharam. Os concelhos de Loulé e São Brás de Alportel foram os que registaram níveis de mortalidade mais acentuados logo na primeira quinzena de Outubro. As últimas áreas concelhias a serem afectadas foram Alcoutim, Aljezur e Albufeira, no final da terceira semana de Outubro. Os maiores picos de mortalidade foram registados na transição do mês de Outubro para o mês de Novembro. A faixa etária entre os 20 e os 35 anos registou um maior índice de mortalidade. É no final do mês de Novembro que a epidemia dá tréguas “«É necessário que se liquidem as contas da epidemia», escrevia Ricardo Jorge ao delegado de saúde de Faro em telegrama. Entrava se em fase de rescaldo. Por essas alturas eram reabertas escolas, mercados e feiras.” (Sobral et al, 2009: 116).

Foram algumas as personagens públicas que padeceram devido à pandemia como Max Weber, Gustav Klimt, Amadeu de Sousa Cardoso e com a mesma idade o poeta francês Guillaume Apollinaire e o poeta algarvio João Lúcio Pousão Pereira, nascido a 4 de Julho de 1880 em Olhão, que faleceu na mesma cidade a 26 de Outubro de 1918. Além da sua poesia, deixou um maravilhoso chalet com início de construção em 1914, actualmente Ecoteca – Museu João Lúcio, na Quinta de Marim em Olhão.



Fotografia de João Lúcio Pousão Pereira

<https://mag.sapo.pt/cinema/filmes/o-poeta-joao-lucio>

Como refere Beatriz Echeverri Dávila “Não estamos livres de novas epidemias. (...) A globalização (...) fez aumentar o risco de expansão de doenças infecciosas novas e velhas. O aumento da população, das viagens e das comunicações facilita a expansão mundial dos agentes patogénicos.” (Sobral et al, 009:165)

Não estamos imunes, mas podemos aprender com o passado...

Bibliografia:

José Manuel Sobral, Maria Luísa Lima, Paula Castro e Paulo Silveira e Sousa (Orgs.), **A Pandemia Esquecida: Olhares comparados sobre a Pneumónica 1918-1919**, Lisboa, ICS, 2009.

Memórias e saberes

Festas e convívios, memórias de outros tempos



Esta fotografia, com cerca de 40 anos, remete-nos para a importância dos convívios entre familiares, amigos e vizinhos, que nos estão atualmente vedados pela pandemia que estamos a viver.

António Brito, Duarte Pereira Frederico e Alberto Brito petiscam por ocasião do casamento de Catarina

e Henrique, casal do Sítio da Ponte que fez o seu copo de água no armazém da Quinta do Morgadinho. Alberto Brito era o caseiro desta Quinta e tinha o usufruto de todas as suas dependências, incluindo o armazém, onde se celebraram muitos dos casamentos nessa altura.

João Sol, o actual proprietário da fotografia e neto de Alberto Brito, contou-nos que deverá ter sido dos primeiros casamentos onde a festa reuniu os convidados do lado da noiva e do noivo. Até então, as festas eram feitas por separado; depois da cerimónia religiosa, os convidados e noivos dividiam-se havendo festas separadas em casa dos pais do noivo e dos pais da noiva. Só ao fim do dia os noivos se juntavam para começarem uma nova vida, em casas geralmente alugadas ou aproveitando um anexo da casa dos pais.

Curiosamente, as vestes de cada um são bastante diferentes em termos de formalidade o que demonstra uma tolerância e aceitação da diversidade, ao contrário da padronização e uniformidade do vestuário que encontramos atualmente neste tipo de celebrações. Duarte Frederico vestia fato, enquanto António Brito usava gola alta muito na moda nessa altura e estreava o seu casaco de cabedal que comprara para esta ocasião. Já Alberto Brito apresenta-se mais informal, de chapéu de camisola de lã.

Esta fotografia foi tirada na noite do 1º dia do casamento (daí o petromax aceso em cima da mesa) na cozinha da casa que era inicialmente do caseiro e família. As sobras do repasto seriam comidas no dia seguinte, dia conhecido popularmente pelo *torna boda*. Com um copo de vinho ou cerveja e um bom petisco entre amigos, a festa era garantida!

Memórias e saberes

Como vimos, a galinha ou o galo eram petiscos habitualmente servidos em casamentos e outros momentos de confraternização entre familiares, vizinhos e amigos.

Sendo habitual nas zonas rurais as famílias terem o seu galinheiro, nos dias festivos era costume matarem-se uma das variedades de galináceos que podiam ser cozinhados de várias maneiras.

Alice Brito partilha com o Tomilho uma das suas receitas de galinha, muitas vezes incluída em menus de copos de água. Experimente!

Receita

Galinha Guisada com batatas, receita de Alice Brito

Ingredientes:

- 1 galinha
- Batatas
- Cenouras
- 1 kg tomate
- Alho
- Cebola
- Pimento
- Louro
- Cravinho
- Pimenta preta
- Pimenta branca
- Sal
- Vinho tinto



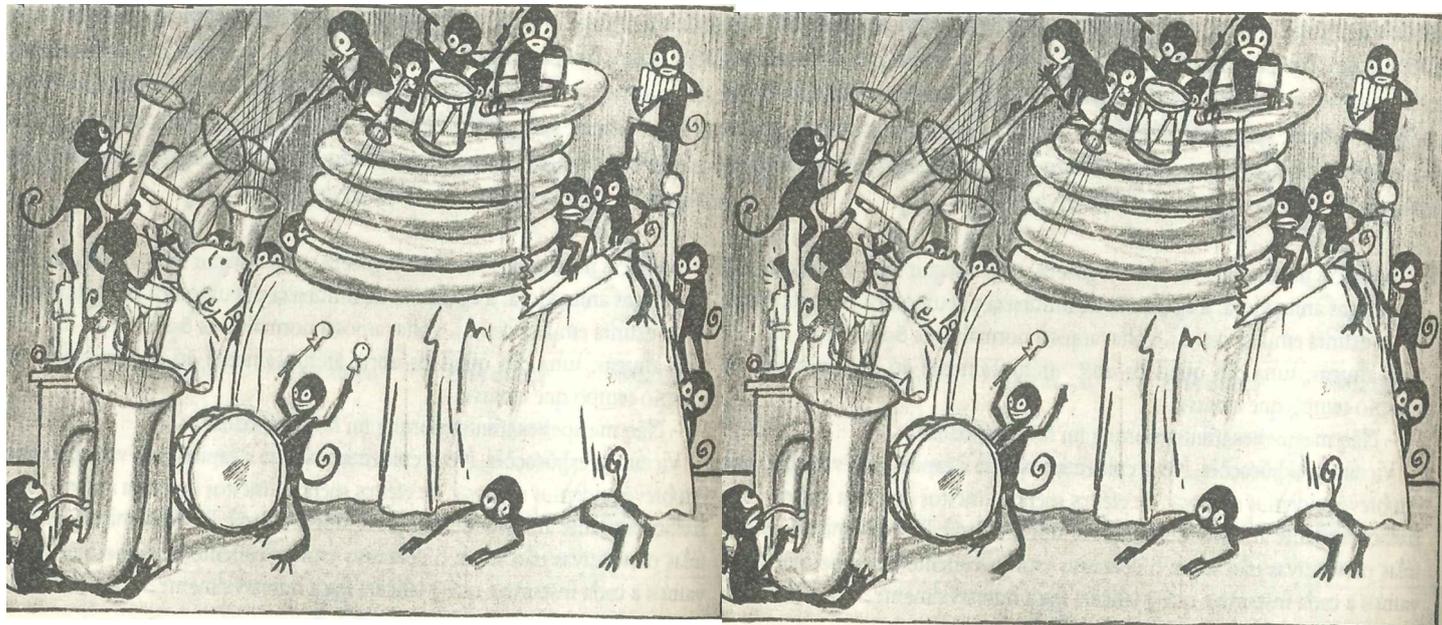
Preparação:

- Refogar a cebola, alho e louro em azeite. Depois de bem cozido, colocar uma colher de pimentão, o pimento verde e/ou vermelho e o tomate picado.
- Depois de tudo refogado, juntar a galinha aos pedaços e as cenouras às aparas.
- Juntar vinho tinto, água e temperar com sal, os adubos (cravinho, pimenta preta e pimenta branca) e deixar cozinhar.
- Quando a galinha estiver bem cozinhada, juntar as batatas cortadas aos pedaços e deixá-las cozer.

Está pronto a servir. Bom apetite!

Passatempos...

Descubra as diferenças...são 7!



Manecas e a "Pneumónica", Desenho de Stuart Carvalhais, Ilustração Portuguesa retirado da revista Visão História, nº58, Abril 2020.

Sopa de letras

D	I	F	E	T	R	A	S	Q	U	E
S	O	L	V	C	A	U	T	S	E	P
V	B	A	C	O	R	O	N	A	B	A
E	A	B	O	L	E	P	N	E	O	C
R	T	I	J	S	L	O	F	I	L	T
A	V	A	R	I	O	L	A	J	A	S
I	C	O	L	E	C	R	I	C	P	E
R	A	I	R	E	T	S	I	E	D	E
E	T	C	O	R	I	N	A	J	I	P
T	S	I	P	N	O	P	E	A	V	I
F	D	A	F	M	G	P	U	S	T	R
I	O	C	U	L	O	B	E	P	I	G
D	P	E	T	S	E	P	S	A	F	D
A	N	S	E	P	A	R	E	L	O	U
P	E	T	E	A	D	G	O	S	T	I

Descubra estas 10 doenças:

- Cólera
- Corona
- Difteria
- Disenteria
- Ébola
- Gripe
- Peste
- Pneumónica
- Tifo
- Variola

ATENÇÃO: As palavras podem estar na vertical, horizontal e diagonal e podem apresentar-se de trás para a frente.

Lengalenga

O Galo Pedrês

Tenho um galo pedrês
Com penas salpicadinhas
Ele é que gala as galinhas
De seguida galou três

Já galou uma encarnada
E a do pescoço pelado
Estava outra ali ao lado

Ela foi também galada
Cantando de madrugada
Uma moda que ele fez

São todas minhas, vocês
Por baixo tudo me passa
E eu não posso perder a raça

Daquele galo pedrês
Ao descer do galinheiro
Porque é lá a sua casa

Cai logo arrastando a asa
E muito namoradeiro
As que ele gala primeiro

São essas que cantam sozinhas
Já galou duas branquinhas
Foi galar uma franganita

Que tem uma cor tão bonita
Com penas salpicadinhas
Já galou uma amarela

Tenho mais daquela cor
E até a que estava a pôr
Levou uma boa galadela

Estava outra ao pé daquela
As duas agachadinhas
Veio de lá e disse
– São minhas!

Eu é que as sei tratar bem
Galou a choca também
E é ele que gala as galinhas

Já galou uma calçada
Ali ao pé da coelheira
E uma preta poedeira

E até galou uma pata muda
E todas as que ele estuda
São galadas de uma vez

Deve sair ao dono talvez
Não deixa nada a metade
E com aquela vontade
De seguida galou três.

Dita por João Sol Pereira nascido em Vila Nova de Cacela em 1985. Ouviu à sua avó Rita Sebastiana nascida no sítio das Cevadeiras, Vila Nova de Cacela. Recolhida pela turma, EB Manuel Cabanas, Vila Nova de Cacela, Vila Real de Santo António.

Na sequência da situação identificada pela Direção-Geral de Saúde relativa à presença do vírus COVID-19 (Coronavírus) em território nacional, e tendo em consideração o seu actual risco de propagação, foram adiadas actividades previstas pelo CIIPC no âmbito da programação cultural do Município de Vila Real de Santo António. Voltaremos a abrir as portas ao público dia 15 de Maio, durante o período da manhã.

Adivinhas

Cara de dragão, corpo de lagarto,
A fingir que dorme, de olhos a girar.
Muda de cor de qualquer lugar.
As moscas não vêm...e a língua o traz farto.
Lembra certa gente que por aí anda
E muda de cor (ou de opinião):
Ão-ão diz a gente, quando manda o cão
Ou miau-miau, se o gato é quem manda...

Goza em liberdade na terra, céu e mar.
A sua morada é mar, céu e terra.
Ignora paquetes e navios de guerra,
Voa junto aos barcos que andam a pescar.
O seu bico é forte, seu anzol não erra.
Traz vento nas asas: quando vem à terra,
anuncia logo temporal no mar.

Como é para montar, tem no dorso uma cova
A fazer de poltrona, não bonita e nova
Mas quem embala ao andar, a fingir de baloiço;
E como não há rio, poço ou fonte perto,
Leva um tanque no bucho, se vai ao deserto.
O nome é que me esqueci... Digam vocês: eu oiço.

in Neves, L e Tossan, Uma dúzia de adivinhas,
Livros Horizonte, 1981

Camaleão; Gaiivora; Camelo



VILAREALSTANTONIO

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

Coordenação: Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela

Colaboração: Alice Brito e João Sol

Contactos:

Tel: 281 952600

Email: ciipcacela@gmail.com

Facebook: CIIP CACELA